

A FREGUESIA DO LUMIAR - QUADROS DA HISTÓRIA DE LISBOA

Iº Curso de Verão

A Casa Velha – da Família Stromp aos Jesuítas

1. A Quinta da Alameda nos séculos XVIII e XIX

Na *Leitura do Livro das Décimas da cidade de Lisboa*, existente no Arquivo do Tribunal de Contas, podemos conhecer com precisão as descrições dos prédios rústicos de que se compunha em 1763 a freguesia de S. João Baptista do Lumiar, então pertencente ao hoje extinto concelho dos Olivais.

Supomos que esta Quinta da Alameda, é a que nesse ano vem descrita no “*citio da Torre*”, como vizinha à propriedade com casas nobres de D. Antónia Ignácia Garcez Palha, actual Quinta da Musgueira, como “*a propriedade do capitão António Pereira da Silva que consta de casas nobres e outras casas ordinárias avaliadas e arrendadas em trinta e seis mil reis e o casco da quinta que fabrica avaliado em 30 mil reis*”¹. Pagava então de décima quatro mil setecentos e quarenta reis.

O mesmo capitão possuía mais outras duas propriedades, uma na *Azinhaga no Citio das Areias*, que constava de “*um olival que fabrica avaliada a produção de azeite em 12 mil e 500 reis e a sementeira da terra em 1200 reis*” e outra na primeira travessa que vai para a Igreja que constava de “*Loja e Sobrado arrendada em 9.400 reis*”².

Pelos registos paroquiais de S. João Baptista do Lumiar, sabemos então que o *Capitão* António José da Silva Pereira era casado com Gertrudes Margarida da Piedade, e sucedeu-lhe nesta Quinta da Alameda, seu filho José Joaquim Pereira da Silva, bacalhoeiro, residente na freguesia de S. Nicolau, casado com D. Amélia de Jesus Afonso. Em 22 de Julho de 1863 morre na Quinta da Lameda, na Estrada de Lisboa, sua filha D. Virginia Adelaide Pereira da Silva, de tuberculose pulmonar.

¹ Fernando Andrade Lemos, *O Lumiar em 1763: leitura do livro das décimas da cidade*, Lisboa: Centro Cultural de Telheiras/ Junta de Freguesia, 2009.

² Ibid.

Não conseguimos saber quem edificou a casa de estilo “chalet” romântico, com influências germânicas, e de onde provém a designação *Villa Maria Thereza*, pela qual supomos que após a construção desta casa, ficou conhecida a Quinta da Alameda. Desse modo vem designada no levantamento de plantas de Lisboa de 1904 a 1911.

2. A família Stromp adquire a Villa Maria Thereza por volta de 1906.

A família Stromp tem origem algarvia, mas não foi possível apurar a origem deste apelido de origem aparentemente anglo-saxónica.

Apesar de a *Nova Monografia do Lumiar*³, publicada em 2008, afirmar que o primeiro Stromp que comprou esta Quinta era “*um holandês salvo de um naufrágio*”, a verdade é que uma pesquisa nos registos paroquiais de Lisboa e de Faro, não são conclusivos em relação a esta origem. A referida obra confunde o nome do Dr. Francisco dos Reis Stromp com o de seu filho o Dr. Mário Stromp.

O que se sabe com segurança é que o **Dr. Francisco dos Reis Stromp**, baptizado na Sé de Faro, com 28 anos de idade, solteiro, médico e morador na freguesia dos Anjos, no Largo do Intendente, 19, 1º Andar, se veio a casar a 14/2/1887, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, com **D. Elisa Amélia Lima de Oliveira Roxo**, baptizada na freguesia dos Mártires, Lisboa, com 25 anos, solteira, e então moradora no Largo do Rego, nº 9 (nascida a 23/2/1862, no Largo do Corpo Santo Mártires e foi baptizada a 5/5/1862).

O nubente era filho de João dos Reis Lopes Stromp, natural de Faro, e de sua mulher, com quem se casou a 1.1.1848, na Sé de Faro, Maria Amália Machado, nascida em Faro. Era neto paterno de Francisco Borges, natural de Faro (filho de de José António dos Reis e de Joana Joaquina) e de Rita da Luz, natural de Lisboa (filha de José Lopes e de Gertrudes Maria, todos naturais de Faro). Era neto materno de João Inácio Machado (filho de de Manuel Inácio Machado e de Maria Victória, de Faro) e de sua mulher Ana Maria da Assunção (filha de António Rodrigues, natural de S. Pedro de Seler, Bispaço de Beja e de Catarina da Conceição, todos naturais da cidade de Faro).

Este casal que em Faro não usava o apelido Stromp, veio para Lisboa com pelo menos dois filhos, Francisco e Ana Rita Stromp, nascidos em Faro, a ali moravam em 1888, na rua dos Fanqueiros, 122, 3º Dir. na freguesia de S. Nicolau, em Lisboa.

³ Fernando Afonso Andrade Lemos e Rosa Maria Trindade César Ferreira, *Nova Monografia do Lumiar*, Lumiar. Junta de Freguesia, 2008.

D. Elisa Amélia Lima de Oliveira Roxo por sua vez era filha de Caetano José de Oliveira Roxo Junior, natural do Rio de Janeiro, baptizado na freguesia de Nossa Senhora das Dores dessa cidade, negociante (filho de Caetano José de Oliveira Roxo e de D. Rita Clara de Oliveira Roxo) e de sua mulher D. Guilhermina Amália Lima Roxo, natural de Lisboa, baptizada em Nossa Senhora dos Mártires (filha de Tomás José Pereira Lima e de D. Mariana Rita Lima), os quais se casaram 21/9/1856, nos Mártires, Lisboa.

O Dr. Francisco dos Reis Stromp e sua mulher D. Elisa Amélia Lima de Oliveira Roxo, fixaram residência após o seu casamento na freguesia dos Anjos, no Largo do Intendente, nº 24 1º Andar. Nesta casa nasceram os quatro primeiros filhos:

A filha mais velha, **Octávia Stromp**, nasceu a 25/1/1889, no Largo do Intendente, Lisboa, e foi baptizada a 26/2/1889, na igreja dos Anjos, Lisboa, tendo por padrinhos Octávio Penteado, cunhado do pai e D. Rita Cândida Lima Roxo, tia materna. Casou a 28 de Abril de 1919, na igreja de Santa Isabel com Fernando David Martins Pereira, o qual faleceu a 28/9/1957. Octávia Stromp praticou diversos desportos no Sporting, sendo conhecido o seu amor pelo ténis. *“Mesmo arcando com a influência de outras modalidades, o futebol do Sporting despertou um interesse, sempre crescente, de todos os associados e familiares, e a verdade é que a presença de senhoras e raparigas continuou a ser constante no Clube. Recorda-se, como exemplo, a dedicação, sem limites, de Octávia Stromp que, mesmo depois de casada com o Dr. Fernando Martins Pereira, assistia a todos os actos evocativos, empreendidos pelo Sporting.”*⁴ Veio a falecer a 2/9/1982, na freguesia do Coração de Jesus, Lisboa.

O segundo filho, **José Stromp**, nasceu a 24 de Junho de 1890 e foi baptizado a 4 de Outubro de 1890, tendo por padrinhos José Rodrigues Lopes de Mendonça e Matos, capitão de artilharia, casado e D. Gertrudes dos Reis Penteado, tia paterna. Foi um dos dissidentes do Campo Grande Football Club, e um dos dez fundadores principais do Sporting Clube de Portugal, tendo pertencido à primeira Direcção do Clube, substituindo José Gavazzo quando este, que desempenhava as funções de 1º Secretário, se ausentou para França. Faleceu a 3 de Setembro de 1929, no Luso, Mealhada.

O terceiro filho, **Francisco Stromp**, nasceu a 21 de Maio de 1892, no Largo do Intendente e foi baptizado a 25 de Dezembro de 1892, nos Anjos, tendo por padrinhos o avô paterno, João dos Reis Lopes Stromp e D. Guilhermina Amália Lima Roxo. Dele

⁴ Eduardo Pinheiro de Azevedo, História e Vida do Sporting Club de Portugal, edição online acessível em <http://www.centenariosporting.com/index.php?content=457>

registra-se que “Francisco Stromp, esse, o “Chico” para os Sportinguistas e eterno sócio nº.3, que se lixem as horas, dias, semanas, meses e anos que tanto dedicou ao clube, para que ele se torna-se cada vez mais eclético. Sim, o “Chico” Stromp praticava futebol, mas o futebol nessa altura não era o desporto principal do Sporting. O futebol era só mais uma modalidade que ele, como outros, desenvolveu e trabalhou para tornar o clube mais eclético e num dos melhores da Europa.”⁵ A mudança da sua família dos Anjos para o Lumiar ficou a dever-se ao facto de que Francisco “aos três anos adoeceu e os médicos colegas de profissão do pai Francisco dos Reis Stromp aconselharam-no a mudar de residência, pois o menino precisava de ar do campo. A família mudou-se para o Lumiar, onde Francisco Stromp viria a conviver de perto com José Alvalade e os irmãos Gavazzo. Em 1904, criaram o Campo Grande Foot-Ball Club, mas não durou muito tempo: durante um piquenique, em Loures, deu-se a cisão entre os associados nascendo a ideia de criar um novo clube. Fundado o Sporting Clube de Portugal, desde cedo Francisco Stromp se entregou de corpo e alma a este novo projecto: em 1908, com apenas 16 anos, teve a sua estreia na equipa principal, pela qual disputou 107 jogos. Fez parte da conquista do primeiro Campeonato de Lisboa (1914/1915) e honrou a camisola verde-e-branca até 1924, conseguindo na sua penúltima época ajudar os leões a conquistarem o primeiro Campeonato de Portugal (1922/1923). Dias antes da final, disputada em Faro, frente à Académica de Coimbra escreveu: “Ganhámos o Campeonato de Lisboa sem contestação dos nossos adversários e, até, com aplausos de todos eles. É isto um dos mais saborosos frutos do nosso trabalho. Ainda não chegámos ao fim. Agora vamos disputar o Campeonato de Portugal. Pretendemos ganhá-lo da mesma forma, sem contestação. A nossa vitória no Campeonato de Lisboa não se deve ao valor individual dos componentes da nossa equipa. Deve-se principalmente à correcção que todos soubemos manter em todos os jogos que fizemos, à assiduidade aos treinos que todos compreenderam serem necessários para vencer e à disciplina que me orgulho de ter sabido manter, não usando outros meios que não fossem a evocação da amizade que por todos tenho e aquela que todos temos pelo Sporting Clube de Portugal. Confio novamente na vontade de todos para poder triunfar. Continuaremos a trabalhar sem um desfalecimento. Precisamos de honrar o nosso título de Campeão de Lisboa, juntando-lhe o de Portugal, precisamos confirmar a contestação da derrota da época passada,

⁵ Ibid.

precisamos de efectivar a última aspiração da vida desportiva do capitão da primeira equipa: entregar o título de Campeão de Portugal Numa altura em que a figura de treinador ainda não existia, Francisco Stromp foi o 'capitão geral' durante dez épocas. Orientava a equipa e tomava as decisões necessárias dentro do campo, podendo-se afirmar que foi o primeiro treinador campeão do Sporting Clube de Portugal. No entanto, Francisco Stromp multiplicava-se em outras tarefas: era ele quem escrevia as circulares aos associados, quem redigia as convocatórias para os jogadores e quem passava noites intermináveis debruçado sobre as contas, tentando sempre conseguir o melhor com o mínimo de despesa directa para o Clube. O alto conceito que tinha pelas virtudes do desporto e o respeito pela ética, faziam de Francisco Stromp um amigo sem limites, mesmo para os seus adversários. Ficaram famosas as suas alocações no balneário, antes dos jogos, quando, muitas vezes com os olhos em lágrimas, incitava os colegas a dignificarem a camisola verde-e-branca. As suas palavras eram escutadas religiosamente e tidas como um estímulo para os momentos mais difíceis. Jorge Vieira, em 1966, num discurso feito na atribuição dos Prémios Stromp, recordou o seu amigo e colega de equipa Francisco Stromp: "Este homem, este homem excepcional, acentuo, tinha uma sensibilidade de criança, tornava-se vulgar quando se nos dirigia antes dos jogos apelando ao nosso Sportinguismo e para o nosso acrisolado amor ao Clube. Muitas vezes, ao finalizar as suas considerações, as lágrimas corriam-lhe pelas faces, e nós, arrastados pelo que víamos, também acabávamos por chorar. Quando, findos os jogos, nos dirigíamos a Chico - todos, sem excepção, lhe agradecíamos. Fora ele que nos arrastara para o triunfo, mercê do seu salutar exemplo, da sua vontade firme e da sua alma de lutador. Em 1916, Francisco Stromp sofreu um grande revés, pois soube que o seu irmão António, com apenas 22 anos de idade tinha contraído sífilis, para a qual não havia tratamento eficaz na época: António Stromp viria a falecer em 1921. Três anos depois, Francisco e a sua família descobriram que tinham sido atacados pela mesma doença. No dia 1 de Julho de 1930, decidiu colocar termo à vida com apenas 38 anos. Suicidou-se, no dia do 24º Aniversário do Sporting Clube de Portugal, a sua razão de existir, metendo-se debaixo de um comboio, na estação de Sete Rios. Desde a fundação do Clube até ao dia da sua morte, Francisco Stromp nunca deixou de se confundir com o próprio Sporting: o seu amor era tal, que chegava a usar no dia-a-dia a camisola leonina por baixo da camisa que levava para trabalhar no Banco Nacional Ultramarino. Daí o reconhecimento do Sporting Clube de Portugal ao conceder-lhe as distinções de Sócio de Mérito, Sócio Benemérito e, a título póstumo, a de Sócio

*Honorário, ocupando por decisão da Assembleia-Geral, eternamente o nº3 de associado, número que possuía quando faleceu. Francisco Stromp nunca foi nem será esquecido pela memória colectiva: hoje dá o nome a um dos mais prestigiados galardões do Clube - os 'Prémios Stromp' e ao equipamento mais tradicional – verde de um lado, branco do outro. A Câmara Municipal de Lisboa atribuiu o seu nome a uma rua nas imediações do Estádio José Alvalade, onde foi colocado um busto evocativo deste símbolo eterno da história do Sporting Clube de Portugal e, em 1990, foi condecorado pelo Governo Português com a Medalha de Mérito Desportivo, a título póstumo. Conta quem com ele conviveu de perto que Francisco Stromp 'não tinha namoros, nem vida política'. A sua amante era o Sporting Clube de Portugal."*⁶.

O 5º filho **António Stromp**, nasceu a 13/6/1895, no Largo do Intendente e foi baptizado a 14/2/1895, na freguesia dos Anjos, Lisboa, tendo por padrinhos Augusto Ferreira, capitão de engenharia, solteiro, morador na Travessa do Carmo e a avó paterna. Da sua biografia relatam os estudiosos da história do Sporting que “ *António Stromp foi o primeiro Sportinguista a ir aos Jogos Olímpicos em 1912, fazia parte da pequena delegação de 5 desportistas, entre os quais se encontrava Francisco Lázaro que morreria tragicamente devido a uma insolação durante a maratona. Em 1909, com apenas 15 anos, estreou-se na equipa principal de Futebol do Clube, onde jogou até 1917, ocupando a posição de extremo, preferencialmente à direita, função que desempenhava na equipa do Sporting que se sagrou Campeã de Lisboa pela primeira vez na história do Clube, na época de 1914/15. Fazendo uso da sua velocidade, tornou-se num dos melhores jogadores da altura, o que lhe valeu ser seleccionado para todas as Selecções Regionais enquanto jogou, incluindo aquela que no dia 27 de Agosto de 1910, foi primeira a jogar no estrangeiro, ganhando em Espanha ao Huelva por 4-0, e participando também na digressão de 1913 ao Brasil, onde brilhou ao ponto de ter sido convidado para ficar por lá. Assim foi durante muito tempo recordado com saudade e considerado um dos melhores extremos direitos da história do futebol português. Desportista eclético, evidenciou-se também no Atletismo, onde foi Campeão de Portugal por três vezes nos 100m, uma nos 200m e outra no Salto com Vara, títulos alcançados no decorrer dos Jogos Olímpicos Nacionais, que eram na altura a principal competição da modalidade. Foi também recordista nacional destas três especialidades. Tornou-se no primeiro atleta Olímpico do Sporting, ao participar nos Jogos de*

⁶ Ibid.

*Estocolmo em 1912, onde disputou as provas de velocidade, conseguindo dois 3ºs lugares nas séries em que participou, dos 100m e 200m. Foi também o primeiro Português a entrar em prova nos Jogos Olímpicos, o que aconteceu a 06 de Julho de 1912 na 5ª série da 1ª eliminatória dos 100 m. Por uma coincidência trágica 06 de Julho seria o dia a que viria a falecer 9 anos depois. No dia 28 de Junho de 1914, tornou-se no primeiro atleta a ganhar uma corrida realizada no Stadium de Lisboa, ao vencer a 1ª eliminatória dos 100m, nos dos Jogos Olímpicos Nacionais, mas a partir desse ano passou a dedicar-se mais ao Futebol. Praticou também Cricket, Esgrima e Ténis.”*⁷ Faleceu a 6 de Julho de 1921 com apenas 27 anos de idade, vítima de sífilis. A 13 de Junho de 1926, o seu nome foi perpetuado pela Câmara Municipal de Lisboa, ao ser atribuído à rua onde o Sporting Clube de Portugal se encontrava instalado, no Campo Grande.

O 6º filho **Vitor Stromp**, nasceu a 10 de Outubro de 1900, na casa da Estrada da Torre, nº 17, 1º e foi baptizado em casa por oferecer perigo de vida, falecendo 15 horas mais tarde.

A 7ª filha, **Helena Stromp**, nasceu a 17/3/1902, na Estrada da Torre, S. João Baptista do Lumiar e foi baptizada a 4/10/1902, na igreja do Lumiar, tendo por padrinhos José Stromp e sua irmã D. Octávia Stromp. Casou a 20/6/1935, em Lisboa (5ª Conservatória), com António Humberto de Faria Sousa Reis, natural de Arroios, Lisboa, o qual veio a falecer a 12/4/1964, em S. Sebastião da Pedreira, Lisboa. Faleceu a 28/1/1996, na freguesia de Belas, Sintra

O 8º e último filho **Mário Stromp**, nasceu a 22/5/1904, na Estrada da Torre e foi baptizado a 24/6/1904, no Lumiar, tendo por padrinhos: Joaquim Evaristo de Almeida, casado, médico e D. Elisa de Carvalho Desterro, viúva. Foi médico, e esteve em Moçambique, onde se achava em 1938, em Vila Pery. Casou a 7/5/1930, na igreja de Santa Isabel, com D. Maria dos Anjos Seabra de Sousa Gentil. Deu origem à família Gentil Stromp Morais.

Em 16 de Janeiro de 1909 localizamos o falecimento de uma criança na quinta da Villa Maria Thereza, no Lumiar, provavelmente filha de uma serviçal. Trata-se de João, de oito meses, filho natural de Feliciano de Jesus Gomes, doméstica.

Relativamente aos pais relata a historiadora do Sporting, Marina Tavares Dias que estes: “*moradores do Largo do Intendente, nº 24, (...) personificavam o protótipo*

⁷ Ibid.

da família burguesa do final do séc. XIX. Tiveram 6 filhos: Octávia, José, Francisco, António, Mário e Helena. Recebiam visitas frequentes de tudo o que era intelectualidade lisboeta, especialmente ligada à música, pois Francisco dos Reis Stromp era um melómano com gosto musical apreciado pelo próprio Viana da Mota, que escutava as suas observações com atenção considerando sempre poder delas colher grande proveito. As crianças cresceram, pois no ambiente considerado “artístico” e no lema de “mente sã em corpo sã”. Era Francisco ainda pequeno, e enfermo, quando os colegas do pai lhe aconselharam o ar do campo. O médico muda-se então do Intendente para o Lumiar, onde, na época, não existiam senão moradias e quintas. Vivem inicialmente no nº 17 da Estrada da Torre e depois no nº 28: A Villa Maria Thereza (onde hoje está o colégio São João de Brito). Foi no Lumiar que os jovens Stromp travaram amizade com os Gavazzos e os Alvalades, moradores da zona. Ainda no principio da adolescência, José, Francisco e António ingressaram no Campo Grande Football Club. Na época, apenas José tinha crescido o suficiente para já jogar com os adultos. Mas as fotografias de grupo mostram os três irmãos como membros do clube e participantes nas actividades. Como é sabido, grande parte dos componentes do Campo Grande Football Club deixaria este grupo para fundar, em 1906, o Sporting Clube de Portugal.”⁸

Sabemos que entre 1896 e 1900 a família Stromp instala-se no Lumiar, na Estrada da Torre, onde ainda vivia em 1904 aquando do nascimento de Mário Stromp, pelo que a mudança para a Quinta da Alameda, então designada *Villa Maria Thereza*, se deve ter dado depois dessa data.

Escreveu-se em vários sítios que Franz Litz tocou para a família Stromp, na Quinta da Alameda, facto que se revela cronologicamente impossível. Em 1845, Franz Liszt, célebre compositor, passou por Lisboa. Calculamos que seja confusão com o seu discípulo José Vianna da Mota que em Junho/Julho de 1908, dedica “*Trez Improvisos sobre motivos populares portugueses às Ex.mas Senhoras D. Octávia e D. Amália Stromp*”.

Achamos igualmente notícia do envolvimento político do Dr. Francisco dos Reis Stromp. O *Almanaque Republicano* noticia que a 3 de Outubro de 1909, no Centro Escolar Democrático José Estêvão, foi inaugurado o ano lectivo, na sede sita à Rua do Lumiar, 68, 1º. Discursam diversos oradores como: João de Meneses, Manuel de

⁸Marina Tavares Dias, *História do Futebol em Lisboa*, Lisboa: ed. Quimera, 2000.

Arriaga e Feio Terenas e vão ser oferecidos bibes escolares às crianças inscritas. Agostinho Fortes realizou também uma conferência. A sessão foi presidida por Francisco dos Reis Stromp.

2. A Família Pessoa⁹

A Quinta da Alameda é vendida por volta de 1920 ao industrial de lanifícios em Gouveia, Guilherme Pessoa, passando então a ser conhecida como Quinta do Pessoa.

Guilherme Cardoso Pessoa, nascido em 1874, em Viseu, era o mais velho dos dez filhos de José Cardoso Pessoa e de sua mulher D. Maria Augusta de Magalhães. Foi industrial de lanifícios em Gouveia, na empresa de seu sogro António Braz, que veio a fornecer as fardas às tropas portuguesas na 1ª Guerra Mundial. Ampliou a empresa com seu cunhado Frade, marido de uma sua cunhada. Em 1903 era sócio da Hidroelétrica da Serra da Estrela. Estabelecendo-se em Lisboa, foi sócio do Ferreira do Campo Grande, e terá adquirido a Quinta da Alameda por indicação de um amigo e futuro vizinho, António Castanheira de Moura, republicano como ele, e proprietário da Quinta de Nossa Senhora do Livramento, do outro lado da Estrada da Torre. Foi co-proprietário do Hotel Avenida Palace, em sociedade com um círculo de amigos republicanos. Veio a falecer a 25/2/1937, nesta quinta na Alameda das Linhas de Torres, 256, no Lumiar, com 63 anos.

Casara com **D. Hermínia Braz**, nascida em 1876, na freguesia de S. Pedro, em Gouveia. Era filha de António Bráz, industrial de lanifícios em Gouveia, e de sua mulher Maria Bernarda. Veio a falecer a 20/1/1944, nesta quinta da Alameda das Linhas de Torres, 256, viúva, com 68 anos de idade.

Foram pais de cinco filhas, todas nascidas em Gouveia: **D. Aurora Braz Pessoa**, casada com o *Capitão* Manuel Pereira, natural de S. Tiago de Cassurães, Mangualde, de quem teve um único filho; **D. Elvira Bráz Pessoa**, casada com António Lopes da Costa Madeira Leitão, natural de Melo, administrador de empresas, de quem teve três filhos; **D. Odília Bráz Pessoa**, casada com o Dr. António Barreiros Cardoso, natural de Castendo, Esmolfê, Penalva do Castelo, advogado, conservador do registo predial de Mangualde, provedor da Santa Casa da Misericórdia de Mangualde e governador civil de Setúbal, grande oficial da Ordem de Cristo, de quem teve oito filhos; **D. Lucinda**

⁹ Agradecemos as preciosas informações prestadas em 1998 pela Ex.ma Senhora Dr^a Maria Helena Braz Pessoa Correia, por muitos anos professora de Educação Musical no Colégio S. João de Brito, e que nasceu nesta Casa da Quinta da Alameda, pertença de seu avô materno, Guilherme Cardoso Pessoa.

Braz Pessoa, casada na Quinta da Alameda, em 1926, com o Dr. Joaquim Mendes Belo Correia, natural de Gouveia, Médico do patriarcado, sobrinho do Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo, que deixou três filhos; **D. Aida Braz Pessoa**, casada com o Dr. João Falcão de Freitas, advogado, de quem teve uma única filha.

A Nova Monografia do Lumiar refere que Guilherme Pessoa “tornou a sua casa num centro de eventos que se realizaram na sua sala de música, onde não faltava o piano vertical e um gramofone. Nela marcavam presença individualidades das artes e das letras, por vezes com conexões com a maçonaria, como era o caso do actor Estêvão Amarante, amigo pessoal do dono da casa. Outra das visitas permanentes da casa era o do director do Conservatório Nacional, Ivo Cruz, pai do maestro com o mesmo nome. A actriz Beatriz Costa era outra amiga da família, tendo o dono da casa conhecido a referida actriz de tabuleiro na mão, vendendo doces às crianças no teatro, enquanto se assistia às performances de Adelina Abranches nas soirés do Teatro Apolo. Actores do Teatro Nacional, em que se contavam os membros da família Rey Colaço Robles Monteiro, integravam igualmente o séquito de personagens ilustres do espectáculo, que na opinião dos anfitriões enchia a casa de cultura, tornando-se numa mais valia para os seus frequentadores mais assíduos.”¹⁰

Por morte de D. Hermínia Braz Pessoa, em 1944, seus herdeiros, temendo que a propriedade se desmantelasse, para dar origem à criação de centrais da empresa de transportes públicos, com a consequente desvalorização daí decorrente, decidem vender a Quinta da Alameda, a 22 de Junho de 1947, à denominada “Sociedade do antigo Colégio de Campolide”, nome pelo qual era então designada a Província Portuguesa da Companhia de Jesus, que aqui desejava instalar um colégio.

A Quinta da Alameda é então descrita na Conservatória do Registo Predial, na sua parte rústica, sob o artigo rústico nº 747 como “*Quinta denominada da “Alameda” ou da “Fábrica”, composta de vinha, abegoaria, lagar de azeite, árvores de fructo, chão para horta, terras de sementeira, oliveiras, poço com engenho real, tanque de alvenaria, um assento de barracas para o lado do caminho da Torre e dois portões, sendo um para o mesmo caminho e o outro à entrada da mesma quinta, na Alameda, em frente à rua Direita do Lumiar; é toda murada em frente e para o lado do caminho da Torre para onde torneja. Confronta do Norte com a Estrada da Torre- via pública, do sul com Francisco Mantero, do nascente com a Quinta da Musgueira-Vanzeller e do*

¹⁰ Fernando Afonso Andrade Lemos e Rosa Maria Trindade César Ferreira, *Nova Monografia do Lumiar*, Lumiar. Junta de Freguesia, 2008, pp. 196-201.

poente com a Alameda das Linhas de Torres cia-pública, para onde tem a sua frente”. A parte urbana da Quinta, ou seja a casa propriamente dita acha-se descrito que a meio da quinta se acha construído o “*prédio de cave, r/c, 1º e 2º andares. Tem quatro faces e está todo vedado por um muro de alvenaria ao longo da Alameda e da Estrada da Torre. Tem quatro entradas correspondendo cada uma à sua fachada. Na face do lado norte tem uma torre com mais um pavimento*”¹¹.

3. Os Jesuítas: nasce o Colégio S. João de Brito

A actividade pedagógica e científica que os Jesuítas exerciam em Portugal, nos seus colégios de Campolide e São Fiel, foi interrompida violentamente, em 5 de Outubro de 1910, quando, pela terceira vez na sua história em Portugal, a Companhia de Jesus foi de novo expulsa e espoliada dos seus bens. O ambiente de perseguição que já se manifestara nos últimos anos da monarquia teve como corolário a decisão do governo provisório da República que, a 8 de Outubro de 1910, restaurou a lei pombalina de 1759. Depois de algumas semanas na prisão, no dia 4 de Novembro de 1910 estava consumada a expulsão dos jesuítas de Portugal. Os membros da Província Portuguesa eram, então, 360.

Consumada a expulsão, a política do P. Luís Gonzaga Cabral, provincial, teve duas vertentes: em primeiro lugar, conservar na Europa o núcleo central da Província, constituído pelas casas de formação e algumas residências; em segundo lugar, reforçar as missões da Índia que, por se encontrarem em território inglês, podiam ser mantidas e, simultaneamente, procurar novos campos de actividade, principalmente no Brasil, onde os exilados vão fundar a província do Nordeste.

No que se refere à permanência na Europa, depois de terem encontrado abrigo temporário na Holanda e na Bélgica, as principais casas estabeleceram-se em Espanha: o noviciado, juniorado e filosofado em Santa Maria de Oya, na Galiza; o colégio para alunos portugueses primeiro em Los Placeres e depois em La Guardia, no lado espanhol da foz do rio Minho; a Escola Apostólica em S. Martinho de Trebejo (Cáceres); a redacção da revista *Brotéria* e do *Mensageiro do Coração de Jesus* em Pontevedra.

O exílio não foi impedimento para que a Província Portuguesa mantivesse e até aumentasse os seus efectivos: eram 380, em 1925, com 179 sacerdotes, 84 irmãos e 117 estudantes.

¹¹ Conservatória do Registo Predial do Lumiar, *Livro das Descrições Prediais de 1949*.

A partir de 1923, começam a reabrir discretamente algumas residências em Portugal. A primeira foi a da Póvoa de Varzim, seguida em 1925 da residência de Braga e em 1927 da residência do Porto. Alguns jesuítas começaram a vir a Lisboa para ministérios apostólicos e para consultar os Arquivos das nossas bibliotecas, hospedando-se em casa de pessoas amigas. Ficou famosa a casa de D. Emília de Almeida, na Calçada dos Mestres, em Campolide por ter hospedadoos grandes historiadores Francisco Rodrigues, Georg Schurhammer (grande estudioso da figura de Francisco Xavier) e Luís Gonzaga de Azevedo. Em Outubro de 1925 já se pôde abrir em Lisboa uma pequena residência, na Rua dos Navegantes, não muito longe da antiga residência da Rua do Quelhas, de que foi primeiro superior o Padre Manuel Tavares Rebimbas. Como era muito pequena e pouco apropriada, pouco depois alugou-se outra mais espaçosa, na rua da Lapa, 111, que mais tarde haveria de se comprar. Em 17 de Outubro de 1928 abriu uma casa na rua Braamcamp, para instalar a Casa de Escritores vinda de Pontevedra, mas por se tornar exigua para as necessidades. Dois anos mais tarde, em Setembro de 1930, optou-se por adquirir uma moradia no nº 14 da rua Maestro António Taborda, que se pode comprar com auxílio de pessoas amigas. As casas de formação e o colégio de La Guardia regressaram em 1932, ano em que a Cúria Provincial se instalou na rua das Valas, no Porto.

A Constituição de 1933, aboliria as leis de excepção por motivos religiosos, e estavam criadas as condições para se mudar a cúria para Lisboa. A 10 de Outubro de 1934 é trasladada do Porto para Lisboa. Funcionará no 111 da rua da Lapa de 1934 a 1985 (data da sua mudança para o Lumiar).

Será no entanto apenas o decreto de 12 de Maio de 1941, reconhecendo a Companhia de Jesus como corporação missionária, normalizaram a situação jurídica dos jesuítas em Portugal.

A Fundação do Colégio S. João de Brito em 1947

Para assinalar a canonização de S. João de Brito, que teve lugar a 22 de Junho de 1947, o então provincial, Padre Tobias Ferraz, decide comprar na Alameda das Linhas de Torres, no Lumiar, uns terrenos para neles se construir um colégio com o nome do santo Mártir. O Colégio das Caldinhas continuava a receber alunos internos de todos os pontos do país, mas a crescente procura por alunos da capital foi decisiva para a abertura do novo colégio, em regime de externato bem como as condições favoráveis que as políticas educativas do Estado Novo e do seu ministro da Instrução desde 1936 a 1940, António Carneiro Pacheco (ele mesmo antigo aluno e tio de um jesuíta).

No dia 6 de outubro de 1947 começou-se a preparar a casa que, a 23 de Outubro tomavam posse os primeiros padres e irmãos. O dia 28 de outubro de 1947 é a data oficial da constituição do Colégio, sendo nomeado o seu 1º vice Reitor, Padre Joaquim Eça de Almeida.

Os “Ecos da Província de Portugal” de Outubro de 1947, relatam: *Colégio de Lisboa*. — *O antigo desejo de muitos amigos, de que abríssemos um colégio na capital, realiza-se finalmente este ano por indicação expressa de Nosso Padre. Fica no Lumiar e, pelo menos por enquanto, é só Externato e Semi-internato. Começa apenas como 1.º ano dos liceus. Chama-se, como é natural em Lisboa e no ano da canonização, «Colégio de S. João de Brito». As “Novidades”, “A Voz” e o “Diário da Manhã” referiram-se-lhe longamente e aos nossos métodos educativos. Também outros jornais se ocuparam dele, entre eles vários de Espanha. Não se tendo podido anunciar senão tarde, este primeiro ano deve contar poucos alunos.*¹²

A 3 de novembro abria o Colégio com 11 alunos. De realçar que fez parte deste grupo aquele que se viria a consagrar como poeta com o nome de José Carlos Ary dos Santos.

Mas o número de Dezembro dos “Ecos da Província de Portugal”, dava noticia mais circunstanciada: *LISBOA. — Colégio de S. João de Brito. — De há muito que se fazia sentir a falta de um colégio-externato em Lisboa, esperança que a Província acalentava para satisfazer os desejos de muitos dos nossos antigos alunos e amigos. Com incitamento de algumas entidades oficiais, essa esperança viu este ano a sua realização. Não faltaram dificuldades a vencer. Mas com a protecção de S. João de Brito, sob cujo patrocínio se colocou o colégio, elas foram-se vencendo corajosamente. Desde o dia 23 de Outubro que os NN. estão habitando a nova casa, embora, por falta de preenchimento de algumas formalidades burocráticas, só num dos últimos dias de Dezembro se tenha efectuado a escritura de compra da propriedade. A casa é um chalet bem acondicionado, suficiente para habitação dos NN. e para uns 50 alunos externos. A quinta tem cerca de 13 hectares de terreno de cultivo, todo plano, com água abundante para rega, um lagar de azeite, instalações para vacaria, etc... e umas 700 árvores frutíferas, entre oliveiras (150 pés), macieiras, pereiras, laranjeiras, figueiras, etc... etc... Mas, por enquanto estas árvores pouco produzem em razão de a quinta estar há anos quase abandonada. A inauguração solene do colégio realizou-se a 28 de*

¹² Ecos da Província de Portugal, Outubro, Lisboa, 1947

Outubro, com a consagração aos Sagrados Corações de Jesus e Maria, e um jantar íntimo, presidido pelo R. P. Provincial. Foram convidados todos os NN. de Lisboa, e assistiram o R. P. Superior da Missão da Zambézia, RR. PP. Superiores das Residências da Lapa e da Brotéria, e outros PP. e Il. Todos levaram excelentes impressões do colégio e da quinta. Só a 3 de Novembro foi possível a abertura das aulas. Compareceram 10 dos 11 alunos admitidos. A escassez do número foi certamente devida à pouca propaganda, pois nos era interdita pela lei enquanto não tivéssemos a necessária documentação oficial, que, apesar de todas as promessas, só nos foi concedida na segunda quinzena de Outubro. Além disso, quando a 19 de Setembro apareceram nos jornais as primeira notícias da fundação dum colégio dos NN. em Lisboa, já a quase totalidade das famílias tinha matriculado os filhos noutros estabelecimentos de ensino. O número reduzido de alunos proporciona um ambiente mais familiar, sumamente apreciado pelos pais. Foram excelentes, graças a Deus, as primeiras impressões. A totalidade das famílias comunicou-nos o seu regozijo pelo contentamento dos filhos, muitos dos quais faziam comparações em desprimor de outros colégios em que tinham estudado a instrução primária. Felizmente, passadas 7 semanas, ainda não esfriou o entusiasmo. Os alunos actuais são todos semi-internos: chegam às 8,45 e saem às 19 horas, tomando no colégio o almoço e lanche. Provisoriamente, são transportados de manhã e à tarde numa fourgonnette, da senhora D. Maria Alexandra de Almeida Eusébio, directora da escola Avé Maria, que dedicadamente se prontificou a isso, até conseguirmos uma caminheta própria. O regime do colégio é o tradicional nos nossos estabelecimentos de ensino secundário. Entre as medidas disciplinares estabelecidas, tem sido muito apreciada a introdução duma “Caderneta Colegial”, que os alunos devem apresentar todos os dias ao entrar. Nela se inscrevem quinzenalmente as notas de comportamento e aulas e quaisquer observações e reclamações quer pelo colégio quer pela família, que devem vir rubricadas pelos pais. Não se aceitam recados ou justificações de procedimento sem serem nela inscritos e assinados. Assim se mantém íntima cooperação entre o colégio e as famílias e se evitam inconvenientes facilmente compreensíveis. O P. Barreto, pertencente a este colégio, dá semanalmente 24 aulas de religião e moral no Liceu de Passos Manuel por desejo do Sr. Bispo de Vatarba. Algum bem começou a fazer nos rapazes, tendo-lhe pedido já bom número deles que lhes ensinasse o catecismo em tempos extra-escolares, e outros que os baptizasse. O mesmo Padre foi solicitado pelos dirigentes para assistente eclesiástico do centro universitário de Lisboa (C. U. L.) da

*Mocidade Portuguesa. Encontram-se também neste colégio o Ir. Luís Gonzaga Ferreira da Silva, a ajudar no trabalho da prefeitura e das aulas, enquanto espera o embarque para a Missão da China; e o P. António Soares Pinheiro entregue ao estudo da língua alemã. Com os esplêndidos ares do Lumiar, que foram aconselhados ao Sr. Presidente da República, e é nosso vizinho, todos gozam de perfeita saúde!*¹³

De início os alunos eram provenientes sobretudo nas zonas da Lapa, Restelo, Estoril, etc. pertencentes a famílias tradicionais, frequentemente filhos dos antigos alunos de Campolide e de La Guardia. Pouco a pouco, a afluência do meio geográfico do Lumiar e zonas limítrofes passou a ser predominante. A abertura do Curso Nocturno, em 1987, abriu o colégio aos bairros carenciados da Musgueira e a um universo de estudantes trabalhadores.

E a 7 de outubro de 1950 era lançada a primeira pedra do novo edifício previsto para 600 alunos. A primeira parte foi inaugurada precisamente um ano depois e a última parte a 3 de abril de 1965.

A velha casa que fora das famílias Stomp e Pessoa, fica apenas para funcionamento da Escola Primária, e passa a ser designada como a “Casa Velha”. Mais tarde será ainda sede da Associação de Antigos Alunos e no início deste século sofre grandes obras de remodelação, por terem os jesuítas decidido colocar na Casa Velha, os serviços da Cúria Provincial, função que agora desempenha.

A quinta era um vasto areal, e foi da extracção dessa areia de grande qualidade que em parte se financiou a construção do novo edifício.

A primeira pedra da igreja foi lançada a 8 de dezembro de 1953 e um ano depois inaugurou-se a cripta. O projecto era da autoria do arquitecto Lucínio Cruz. E a 7 de Outubro de 1955 foi sagrada e inaugurada a igreja com uma lotação para 1000 pessoas.

Gradualmente o edifício vai crescendo e constroem-se laboratórios, campos desportivos e pavilhão gimnodesportivo, uma piscina e um auditório.

Abrange um leque que vai da Infantil (3 anos) ao 12º ano, incluindo o ensino nocturno para estudantes trabalhadores (desde 1987). Em 1975 começa a funcionar em regime de paralelismo pedagógico. Em 1976 iniciam-se pela primeira vez as aulas mistas. Em 1984 passou a dispor de autonomia pedagógica. No presente ano de 2012 tem uma população estudantil de 1604 alunos (1404 no regime diurno e 200 na escola nocturna) e 95 professores no regime diurno e 36 na escola nocturna. Após ter tido por

¹³ *Ecos da Província de Portugal*, Dezembro, Lisboa, 1947

mais de sessenta anos reitores e directores pedagógicos jesuítas, dos quais se destacam nomes como Júlio Marinho, João Cabral, Agostinho Ferraz, Joaquim Leão, António Leite, José Manuel Rocha e Melo, Norberto Lino, Evaristo Vasconcelos, e mais recentemente Manuel Paiva, Nuno Burguete e Amadeu Pinto (para referir só os já falecidos) tem, desde 2009, o primeiro director pedagógico leigo.

Ao longo dos anos quarenta e cinquenta, os principais centros da presença dos jesuítas readquiriram a localização que, substancialmente, ainda mantêm. Nos anos setenta, apesar da diminuição de efectivos, incrementou-se a presença ao Sul do Tejo com a inserção em zonas operárias ou carenciadas onde os jesuítas se responsabilizaram por várias paróquias: Portimão, Mexilhoeira Grande, Santo André, Corroios, Paio Pires, Pragal e Charneca da Caparica.

Em paralelo com o que acontecera em tempos mais distantes, os últimos decénios viram os jesuítas portugueses ocupados num amplo leque de actividades: educação e ensino, pastoral com universitários, formação espiritual, trabalho paroquial e social, missões, meios de comunicação social, presença na cultura e na investigação.

Fizemos uma longa viagem pela evolução das instituições de ensino ligadas à Companhia de Jesus em Portugal, desde o seu regresso em meados do século XIX até aos dias de hoje.

A Companhia de Jesus continua, neste ano de 2012, a dirigir com um largo número de colaboradores leigos, três colégios em Portugal: o Instituto Nun'Alvres (ou Colégio das Caldinhas), em Santo Tirso, Colégio S. João de Brito, em Lisboa e o Colégio Apostólico da Imaculada Conceição, em Cernache, junto a Coimbra. Desde 2010, que se comprometeu com um novo projecto educativo, em dar assistência pedagógica e religiosa, segundo os princípios da pedagogia e da espiritualidade inaciana, ao recém fundado Colégio Pedro Arrupe, no Parque das Nações, propriedade do Grupo Alves Ribeiro (família em que se contam alguns antigos alunos do Colégio S. João de Brito).

O Colégio S. João de Brito continua a ser até aos dias de hoje, passados que são 65 anos da sua fundação, um digno representante desta cadeia quase ininterrupta de mais de 150 anos de ensino em Portugal. Na velha tradição da Companhia de Jesus, um ensino de excelência, focalizado nas três dimensões da pessoa humana: pessoal, social e religiosa, procura fazer justiça ao lema inspirador que assumiu para os seus alunos e comunidade educativa: *Educar para servir*.